

Apresentação ao Dossiê: *Ambientes e Saberes em Conflito*

Ana Cláudia Rodrigues^a
Felipe Ferreira Vander Velden^b
Hugo Menezes Neto^c

Este dossiê, intitulado *Ambientes e Saberes em Conflitos*, reúne importantes contribuições aos debates antropológicos correntes sobre a relação entre a crise ambiental planetária, disputas territoriais e as diferentes formas de genocídios e epistemicídios produzidos na/pela relação assimétrica e violenta entre os ‘brancos’, os, assim chamados, povos tradicionais e os demais co-habitantes do ambiente, os não humanos. Os trabalhos apresentados analisam os impactos sociais, culturais e ambientais das forças capitalistas e do pensamento ocidental e eurocentrado na vida de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades rurais. Também discutem as relações entre humanos e outros seres vivos igualmente atingidos pelo projeto de desenvolvimento do capitalismo moderno. Entendendo que refletir sobre as maneiras de evitar ‘o fim do mundo’, nos termos de Ailton Krenak,

a Professora do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPE). Email: acrodriuess@gmail.com.

b Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSCar). Email: felipevelden@yahoo.com.br.

c Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPE). Email: hugo.menezesnt@ufpe.br.

é uma urgência, acolhemos construções críticas quanto aos desdobramentos da clássica dicotomia ocidental natureza e cultura que tanto ensejou o pensamento antropológico.

O artigo *Sobre homens, botos e peixes: dimensões poético-imaginárias de uma Ecoantropologia Urbana de coletivos humanimais no sul do Brasil* abre o nosso dossiê. Nele, Flavio Leonel da Silveira propõe uma perspectiva de estudos sobre a cidade, a que chamou de Ecoantropologia Urbana, discutindo as dimensões sensíveis e cosmopolíticas das ‘relações humanimais’, por meio da análise da pesca cooperativa entre botos-da-barragem e pescadores artesanais de tarrafa no contexto do estuário do Rio Tramandaí (RS). A relação simbiótica entre humanos e botos é pautada de modo perspicaz e teoricamente potente por Silveira, que apresenta complexos sentidos da convivência interespecífica e práticas engendradas na co-dependência interespecífica e nas redes pouco visibilizadas quando humanos e cetáceos são pensados a partir da oposição entre cultura (humanidade/inventividade) e natureza (animalidade/instinto).

O artigo de Gabriel Sanchez, *Os ére e ‘o tal do pirarucu’: equívocos epistemológicos e ontológicos a respeito*, explora os impactos ambientais, simbólicos e culturais ocasionados por uma grande enchente do Rio Guaporé que atingiu as terras do povo Kujubim, em Rondônia. O ponto de partida do seu argumento é a presença repentina e imperativa do maior peixe de água doce da Amazônia, o pirarucu, na vida daquele povo após a referida enchente. O desastre ambiental acaba por gerar uma forçosa convivência entre humanos e esses outros novos animais que passam a fazer parte do mundo social e do repertório cultural da comunidade. Sanchez, com sensibilidade, observa que os Kujubim elaboram essa co-existência à luz da tensa relação entre eles e os homens brancos, os ére, que também se apresentam como ‘novos outros’, os responsáveis pela introdução de vários outros seres não humanos no cotidiano dos Kujubim e de todas as populações ameríndias.

O tema da introdução de animais exóticos reaparece no artigo seguinte. Felipe Vander Velden, no texto *O que anunciam os chifres dos*

bois? Artefatos multiespecíficos na expansão da pecuária no Brasil, reflete acerca da expansão da pecuária pelo Brasil centro-oriental, por meio de certos artefatos (sobretudo instrumentos musicais) produzidos no encontro entre bois e povos indígenas na região. Trata-se de um olhar crítico sobre a grande narrativa do ‘ciclo econômico do gado’ forjado na análise da introdução compulsória dos bois – e dos sonhos e desejos ligados à sua produtividade econômica – entre distintos grupos ameríndios, dos impactos e das adaptações culturais produzidas pela inclusão dessa espécie exótica na vida dos povos originários, e do ambiente como co-constituídos por humanos e não humanos – incluindo animais nativos e adventícios, assim como artefatos, também estes, a seu modo, nativos ou alienígenas – no Brasil.

Vanderlúcia da Silva Ponte, Benedito Emílio da Silva Ribeiro, Antônio Sarmiento dos Santos & Lourdes de Vasconcelos Bentes formam o conjunto de autores, dentre eles intelectuais indígenas da etnia Tembé, que assinam o artigo *‘Uma área de pastagem ela não tem a qualidade de erva medicinal’: entre saber e poder, território e territorialidade Tembé*. Os autores analisam as dinâmicas territoriais entre os Tenetehar-Tembé (PA/MA) e suas relações com os temas da saúde e da transmissão dos saberes a respeito das ‘ervas medicinais’. Além de evidenciarem a tensão entre os saberes e práticas tradicionais e os modelos ocidentais de biomedicina implantados pelo Subsistema de Saúde Indígena nas aldeias, chamam a atenção, de forma contundente, para a saúde como categoria política de teor estratégico a serviço da defesa das terras indígenas. Essa temática é muito urgente em especial no contexto atual no qual a experiência social dos povos indígenas está severamente impactada pela pandemia do novo coronavírus que assola o país, com força dramática nos territórios desses povos nativos.

O artigo *Plantando Mandioca e Criando In/comensurabilidades*, de Gabriel Graton Roman & Iara Maria de Almeida Souza, analisa as formas de plantio e consumo da mandioca na comunidade quilombola do Espírito Santo do Itá, no estado do Pará. Nesta arguta investigação, os autores identificam conflitos e negociações entre o saber

tradicional (de cultivo e consumo locais) e o saber técnico-científico, presente principalmente em cursos técnicos municipais oferecidos para os produtores da comunidade. O texto, portanto, ilumina estratégias desenvolvidas pela comunidade remanescente de quilombo para a coexistência do rico saber local frente ao saber técnico-científico que se pretende dominante e, entre essas estratégias, a criação de incomensurabilidades a nortear práticas sociais de resistência.

Salima Cure, interessada nos agenciamentos da coca por grupos indígenas na Amazônia (Colômbia, Brasil, Peru e Bolívia), apresenta o artigo *El uso inapropiado de la coca o bien, la bonanza de la cocaína desde la perspectiva cultural de los indígenas que hacen uso del mambe y ambil*. Cure oferece um trabalho que relaciona histórias sobre o tráfico de cocaína dos anos de 1970 e 1980 a um empreendimento analítico antropológico para entender a experiência de comunidades indígenas que produzem e consomem coca na Amazônia. No cerne de seu argumento está a transformação da coca em cocaína e os efeitos, práticos e simbólicos, que a comercialização dessa substância teve e tem nas vidas desses grupos distribuídos por amplas áreas da bacia amazônica.

No artigo, *Povos tradicionais e a questão nuclear: conflitos socioambientais e resistências à central nuclear em Itacuruba*, Vânia Fialho & Whodson Silva problematizam o campo sociopolítico no qual se inscrevem os conflitos para a instalação da Central Nuclear do Nordeste, em Itacuruba, Sertão de Pernambuco, Nordeste do Brasil. O foco da análise é o lugar que os povos tradicionais ocupam na política de geração de energia nuclear, a partir da realidade da cidade Itacuruba, onde ocorrem uma série de enfrentamentos no intuito de assegurar a proteção de suas territorialidades diante da instalação do complexo nuclear no Rio São Francisco – mais uma intervenção estatal de grandes proporções e catastrófico potencial nesta zona e sobre este rio, bem como sobre os povos tradicionais que ali vivem, já tão dramaticamente afetados por grandes projetos de engenharia e por políticas públicas ambiental e socialmente desastrosas.

O trabalho de Albino José Eusébio, intitulado *As violências das práticas empresariais: mineração, deslocamentos compulsórios e resistências no vale do Zambeze, Moçambique*, fecha o conjunto de artigos selecionados para o dossiê. O autor analisa a instalação do megaprojeto de exploração de carvão mineral pela multinacional brasileira Vale na Bacia Carbonífera de Moatize, no vale do Zambeze, região central de Moçambique, país lusófono da África meridional. Partindo do princípio de que tal instalação transforma o distrito de Moatize num campo de deslocamentos compulsórios, violências e conflitos sociais, a análise se volta às implicações sociais e às formas de resistência desenvolvidas pelas populações compulsoriamente deslocadas frente às práticas violentas, autoritárias e coloniais operadas pelas mineradoras (inclusive brasileiras) naquele contexto.

Como parte do debate proposto pelo dossiê, publicamos a entrevista realizada por Hugo Menezes Neto, Francisco Sá Barreto & Alex Vailti, com Eliene Rodrigues Putira Sacuena e Elisa Urbano Ramos sobre: *Ambientes e saberes em conflito: a experiência indígena em tempos de COVID-19*. Eliene Rodrigues Putira Sacuena é indígena da etnia Baré, doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, e Elisa Urbano Ramos é indígena da etnia Pankararu, mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Na entrevista, realizada em abril de 2020, essas antropólogas analisam os desafios enfrentados pelos povos indígenas frente à pandemia da Covid-19. As respostas evidenciam que o contexto pandêmico reatualiza uma experiência de genocídio e resistência inscrita nos conflitos, territoriais, ambientais e epistêmicos que marca a história dos povos indígenas no Brasil.

O dossiê conta ainda com duas instigantes resenhas. A resenha de Wagner Lira do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do pensador indígena e ambientalista Ailton Krenak, lançado em 2019 pela editora Companhia das Letras e já um *best seller*: uma obra fundamental para o debate sobre crise ambiental e de Antropoceno a partir de uma epistemologia não ocidental, que promove uma crítica potente sobre

as práticas capitalistas que impactam de modo irreversível todos os seres vivos. A segunda resenha, assinada por Marcel Mano, é do livro *Une écologie des relations. Les grandes voix de la recherche*, do antropólogo francês Philippe Descola, também lançado em 2019. A obra versa sobre as relações entre os povos indígenas na Amazônia e os seres do que chamamos de natureza, com o intuito de discutir, e mais uma vez reafirmar, que a oposição entre natureza e cultura, tradicionalmente estabelecida pelo pensamento ocidental, é falaciosa e limitada para entender outras culturas e ontologias.

Este dossiê é um desdobramento da Semana de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco, que teve, na sua edição de 2019, tema homônimo. Acreditamos que, além dos debates apresentados no referido evento – organizado pelo Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica, AYÉ (PPGA/UFPE), aqui reunimos contribuições importantes para pensar o ambiente em crise, os territórios em disputa, as tensões do mundo co-habitado por humanos e seres outros-que-humanos, e os embates às vezes violentos entre saberes distintos e arbitrariamente hierarquizados. O esforço em promover reflexões sobre os *Ambientes e Saberes em Conflitos* vai ao encontro da urgência dessa agenda numa sociedade marcada pela opressão e precarização da vida das minorias sociais, pelos desastres ambientais – como as queimadas na Amazônia e o derramamento de óleo nas praias do Nordeste – com consequências ainda imensuráveis para o ambiente e os seres que nele habitam. Ayé, na língua Yorubá, significa Terra, o mundo físico que abriga todas as formas de vida, e é sobre a produção do mundo, em suas relações assimétricas entre os co-habitantes e os conflitos de distintas ordens, que refletiremos a seguir.